

“CRISTO, MINHA ESPERANÇA, RESSUSCITOU!”

A Ressurreição de Jesus é a **A maior das maravilhas de Deus**. O anjo disse às mulheres que foram ao sepulcro procurar Jesus na manhã de Páscoa: “Não vos assusteis. Procurais a Jesus de Nazaré, o Crucificado? Ressuscitou: não está aqui.” Glória a Deus! **O crucificado está vivo. O sepulcro está vazio.** Deus, no Seu poder imenso, resgatou da morte o Seu filho e recompensou-O pela Sua doação total, concedendo-Lhe a vida sem fim.

Os discípulos não esperavam tamanha notícia, apesar de o Seu Mestre, Jesus, ter anunciado a Sua Ressurreição. Não O entenderam – não o podiam entender – e não fizeram caso. A morte horrenda de Jesus tinha-os deixado tristes, desapontados e sem esperança. Tinham **perdido um amigo e, pior ainda, a razão de viver. A Ressurreição foi, por isso, a surpresa mais incrível de Deus.**

A morte de Jesus foi um acontecimento histórico: está documentado; **a Ressurreição não:** está para além da história e não pode ser provada. Mas os Seus discípulos viram o túmulo vazio, tiveram o privilégio de ver as Suas aparições e outros sinais de que Ele estava realmente vivo. E foram testemunhas da sua experiência de Jesus, como diz São João: “O que era desde o princípio, o que ouvimos, o que vimos com os nossos olhos, o que contemplámos, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida... isso vos anunciamos” (1 Jo 1,1.3).

E nós, **que experiência temos ou podemos ter da ressurreição**, sabendo que não é um evento que poder ser constatado com os nossos sentidos ou percebido com a nossa razão? **A Ressurreição é uma certeza da fé, que requer uma experiência pes-**



Foto: DR

soal. Como verdade de fé não é menos sólida do que uma qualquer certeza científica. Quem acredita não precisa de explicações; quem não acredita não há explicação que seja convincente. Experimentamos

a Ressurreição encontrando Jesus: na oração; nos sacramentos; e no encontro com os outros, no amor e no serviço, que gera em nós a alegria da doação.

Uma Santa Páscoa para todos! ✦

“Ressuscitou ao terceiro dia”



Este ano, vamos celebrar novamente a Páscoa, porque há dois mil anos não encontraram o cadáver de Jesus e os Seus discípulos encontraram-n’O radiantemente vivo.

P.^e Gerald O’Collins, SJ*
Teólogo

O cristianismo não começou com uma mensagem genérica sobre Deus, Pai e Mãe de todas as pessoas. Nem tão-pouco começou com uma exortação moral tão central como “amemo-nos uns aos outros”.

O movimento cristão começou com uma afirmação factual muito específica e espantosa sobre uma pessoa em particular, Jesus de Nazaré. Que tinha morrido ignominiosamente numa cruz, gritando: “Meu Deus, meu Deus, porque me abandonaste?”

Marco Túlio Cícero, um advogado e estadista romano, falecido pouco antes do nascimento de Jesus, chamou à crucificação “a pena mais cruel e repugnante”. Os seus

compatriotas romanos impunham frequentemente esta forma de execução aos escravos, aos criminosos violentos e aos rebeldes. Os Manuscritos do Mar Morto e São Paulo (*Gálatas* 3,13) mostram-nos que muitas pessoas acreditavam que Deus amaldiçoava aqueles que morriam por crucificação.

Contudo, pouco depois da morte e sepultura de Jesus, São Pedro e outros começaram a afirmar que Ele tinha ressuscitado dos mortos e que devia ser aceite como o Messias, Filho de Deus e Senhor divino do universo. A evidência de *1 Coríntios* 15, 3-8, dos Evangelhos, dos *Actos dos Apóstolos* e de outros livros do Novo Testamento estabelece que a pregação da ressurreição remonta às próprias origens do cristianismo.

A pedra angular

Então como hoje, a fé cristã mantém-se ou cai com a ressurreição de Jesus de entre os mortos. Foi esta mensagem única, esta boa nova,

que deu origem ao cristianismo e o mantém ainda hoje.

Como é que Pedro, Paulo, Maria Madalena e outros souberam que o impensável e o absurdo tinha acontecido: o tão desejado Messias, que tinha sido crucificado, tinha ressuscitado dos mortos? Eles não testemunharam directamente o acontecimento da ressurreição, mas depois que aconteceu, eles viram o próprio Jesus ressuscitado. Em várias ocasiões, Ele apareceu-lhes. Depois, o Seu túmulo foi encontrado aberto e vazio. Por último, eles experimentaram o dom do Seu Espírito Santo e a poderosa presença de Jesus ressuscitado, que os impulsionou a pregar a boa nova ao mundo.

E nós, no século XXI, como podemos acreditar que o Jesus crucificado ressuscitou dos mortos? Em primeiro lugar, temos um testemunho sólido proveniente de vários homens e mulheres que estiveram na origem da fé e a comunidade cristã. Jesus terminou a Sua vida terrena pregado numa cruz e morreu em lenta agonia. Mas depois

mostrou-Se gloriosamente vivo a diferentes indivíduos (por exemplo, a Maria Madalena e a Simão Pedro) e grupos de pessoas, ao todo várias centenas. São Paulo enumera muitas destas testemunhas. Ele acrescenta o seu próprio testemunho como perseguidor que se tornou crente: “no final, Ele apareceu-me também a mim” (*I Coríntios 15,5-8*).

Ao mesmo tempo, acreditar em Cristo ressuscitado é mais do que simplesmente aceitar o testemunho de outros sobre um acontecimento único que teve lugar há quase dois mil anos. Ter fé pascal significa saber a diferença que Jesus vivo faz nas nossas vidas, aqui e agora. Experimentamos a Sua presença viva através das escrituras e da Eucaristia, bem como de inúmeras outras formas. Ele vem até nós na oração, nos rostos daqueles que sofrem e precisam da nossa ajuda, e nas alegrias e dores da nossa vida diária.

História interminável

Através da presença e do poder de Jesus ressuscitado, esperamos que a nossa história não termine no silêncio vazio da morte. O mundo para onde vamos não será um assombro cinzento de fantasmas, mas uma existência profundamente satisfatória na qual conheceremos os nossos queridos e seremos conhecidos por eles. Temos a promessa de Jesus: “E, quando Eu tiver partido e vos tiver preparado um lugar, virei de novo e levar-vos-ei comigo, para que onde Eu estou, estejais vós também” (*João 14,3*). Ao acreditarmos na ressurreição de Jesus, também temos esperança na nossa.

Como foi a ressurreição? Não foi a mera reanimação de um cadáver. Foi muito mais do que a Sua alma, que tinha deixado o corpo de Jesus, depois voltasse a ele, como se alguém saísse de uma casa à noite e regressasse pela manhã. São Paulo sublinha a gloriosa transformação efectuada pela ressurreição (*I Coríntios 15,35-48*). Significa liberdade total e definitiva do sofrimento e da morte, e viver uma nova existência que se eleva acima de todos os li-

mites dolorosos que agora experimentamos.

Lucas e João também chamam a atenção para a forma como o Senhor ressuscitado mudou e Se transformou. As portas fechadas não são obstáculos para Ele (*João 20,19.26*). Ele aparece e desaparece à sua vontade (*Lucas 24,31-36*). As pessoas que O conheceram na Sua existência terrena não conseguem, pelo menos inicialmente, identificar o Senhor ressuscitado. No caminho para Emaús, os dois discípulos só O reconhecem no momento da fracção do pão e do Seu desaparecimento (*Lucas 24,31*). Maria Madalena supõe inicialmente que Ele é o jardineiro (*João 20,14-15*). Quando Jesus ressuscita dos mortos, Ele torna-Se gloriosamente diferente.

O túmulo vazio

Estreitamente ligada à ressurreição corporal de Jesus está a questão do Seu túmulo vazio. Algumas pessoas

“A ressurreição significa liberdade total e definitiva do sofrimento e da morte, e viver uma nova existência que se eleva acima de todos os limites dolorosos que agora experimentamos.”

alegam que a fé em Cristo ressuscitado não precisa de afirmar o Seu túmulo vazio. Consideram que Ele ressuscitou dos mortos, mas o Seu cadáver deteriorou-se na sepultura. “Não faria diferença para a minha fé na Sua ressurreição se os ossos de Jesus fossem encontrados.” Ao longo dos anos, tenho ouvido esta afirmação de tempos a tempos, e ela continua a incomodar-me.

Mas porquê fazer problema sobre isto? Certamente, eu deveria estar satisfeito por a pessoa em questão acreditar na ressurreição pessoal de Jesus? Desde que Jesus viva uma vida nova e gloriosa, importa realmente que o cadáver deposto no túmulo por José de Arimateia se decomponha silenciosamente?

Para começar, aqueles que, sumariamente descartam o túmulo vazio como sendo sem importância, fazem-no normalmente em nome da “minha fé”. Nunca ouvi nenhum deles argumentar que “não faria qualquer diferença para a fé da Igreja na ressurreição de Jesus se os ossos de Jesus fossem encontrados.” Não creio que eles possam usar esse argumento.

Um dos graffitis que aparecem nas paredes na época da Páscoa mostra o que muitas pessoas concluiriam se os ossos de Jesus fossem encontrados: “Não haverá



Foto: DR

Páscoa este ano. Encontraram o corpo.” Isto sugere como a fé de muitas pessoas na ressurreição de Jesus implica que a Sua sepultura esteja vazia. Eles não acreditariam na Sua ressurreição dos mortos a menos que a Sua sepultura tivesse sido encontrada aberta e vazia. Eles tomam o túmulo vazio como implícito quando confessam que “Ele ressuscitou dos mortos ao terceiro dia.”

Cenário alternativo

A julgar pelo que ouvi (“não faria diferença para a minha fé...”), aqueles que não dão importância ao túmulo vazio não esperam melhorar a qualidade da sua fé pascal. Normalmente não afirmam “a minha fé melhoraria se os ossos de Jesus fossem encontrados.” O que pretendem parece ser antes um exercício de redução de conteúdo. Até que ponto podem reduzir o conteúdo da fé e diminuir as crenças antes que a sua fé colapse? O que pode ser abandonado sem que se perca o coração da fé cristã?

Além de chamar a este procedimento “redução de conteúdo”, poder-se-ia falar de um “cenário alternativo”, uma versão da fé pascal que afirma que Jesus vive pessoalmente na glória, mas que afasta qualquer questão sobre o destino do Seu corpo crucificado. Se este método de um cenário alternativo funciona aqui, porque não experimentá-lo noutras áreas? Faria alguma diferença se Ele não tivesse morrido na cruz, mas tivesse sido retirado vivo, recuperado a consciência no túmulo, saído de lá de alguma forma, e depois “apareceu” vivo aos Seus seguidores? Faria alguma diferença se o Deus de Jesus Cristo fosse simplesmente um e em nenhum sentido três?

Interrogo-me sobre a utilidade e mesmo a validade de tais métodos de redução de conteúdos e cenários alternativos. As pessoas normalmente não adoptam este método em outras áreas de profundo interesse pessoal. Nunca ouvi, por exemplo, ninguém dizer-me: “Não faria diferença para mim se a minha mãe tivesse um amante secreto e o

seu marido não fosse o meu pai.” A maioria dos homens e mulheres aceita com confiança que o marido da sua mãe é o seu pai e relaciona-se com ele em conformidade.

Algo assim vale para a fé cristã que recebemos através da comunidade e, em última análise, da Igreja apostólica. O grupo original de

“O túmulo vazio é o sinal surpreendente de Deus de que a redenção não é uma fuga para um mundo melhor, mas uma transformação espantosa deste mundo.”

crentes testemunhou a ressurreição pessoal do Filho de Deus, o Seu túmulo vazio, a Sua nova vida com o Pai, e o envio do Espírito Santo ao mundo. Aceitar esse testemunho e tentar compreendê-lo parece ser uma resposta mais apropriada do que reduzir o conteúdo da mensagem do Novo Testamento ou imaginar algum cenário alternativo que, por exemplo, retire o Espírito Santo da nossa narrativa sobre Deus.

A reversão da morte

Quanto ao destino do corpo de Jesus, os evangelhos atestam que Maria Madalena (todos os quatro evangelhos) com um ou mais com-

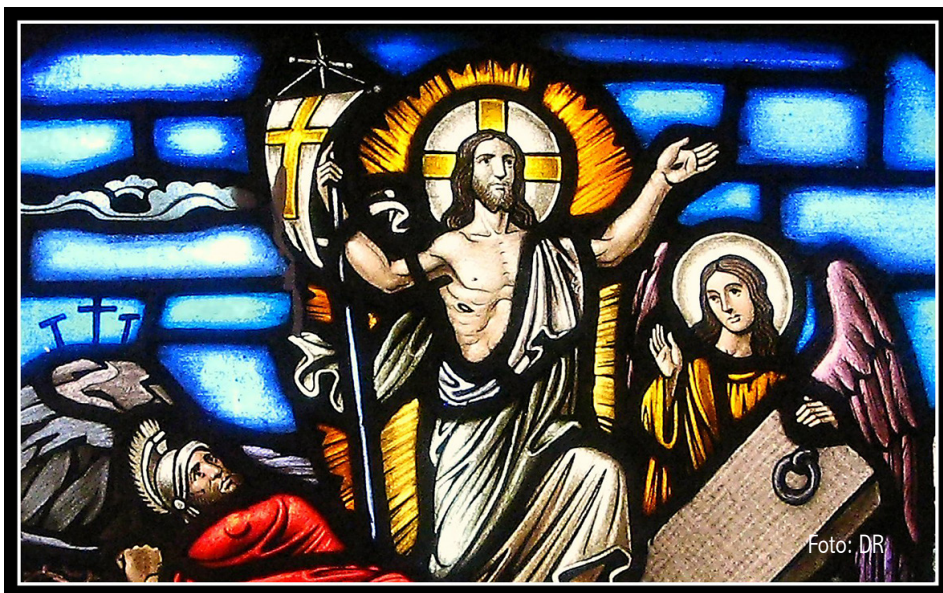


panheiros (Mateus, Marcos e Lucas) descobriu que o Seu túmulo estava aberto e que o cadáver tinha desaparecido misteriosamente. Temos, por isso, um caso razoável para apresentar em apoio da alegação de que o túmulo de Jesus foi encontrado aberto e vazio.

Os primeiros argumentos contra a mensagem da Sua ressurreição parecem ter admitido o facto conhecido de que o Seu túmulo estava vazio. Naturalmente, os opositores do movimento cristão explicaram o desaparecimento do corpo como um simples caso de roubo (*Mateus 28, 11-15*). Mas não temos evidência de que alguém, cristão ou não cristão, tenha alguma vez alegado que o Seu túmulo ainda continha os Seus restos mortais. Além disso, teria sido impossível em Jerusalém e arredores que os discípulos comesçassem a proclamar a Sua ressurreição, a menos que o Seu túmulo estivesse vazio. Os seus inimigos poderiam ter destruído essa mensagem ao produzir o Seu cadáver.

Estes e outros argumentos apoiam a conclusão histórica de que o túmulo de Jesus foi encontrado vazio. Mas o verdadeiro desafio aqui não é o de ponderar os prós e os contras dos argumentos históricos. O desafio consiste em explorar e apreciar o significado do túmulo vazio. A questão certa é: como é que isso ilumina e melhora a nossa fé pascal se compreendêssemos algo do significado do túmulo vazio?

Em primeiro lugar, o vazio do túmulo de Jesus reflecte a santidade do que um dia ele conteve, o cadáver do Filho de Deus encarnado que viveu para os outros e morreu para estabelecer uma nova comunidade de amor entre todas as pessoas. O “Santo” não podia “ver a corrupção” (*Actos 2,27*). Em segundo lugar, o próprio vazio do túmulo sugere e simboliza a plenitude da vida nova e eterna na qual o próprio Jesus entrou. Os túmulos simbolizam naturalmente a morte e o fim da vida. O túmulo aberto e vazio de Jesus expressa a reversão da morte e o início de uma nova vida que nunca terá fim.



“Os primeiros cristãos sabiam que se estivessem errados acerca da ressurreição de Jesus de entre os mortos, seriam os mais “miseráveis” de todas as pessoas (1 Cor 15,19). Mas eles não estavam errados.”

Terceiro, a campa vazia em Jerusalém diz algo de vital sobre a natureza da nossa redenção, ou seja, que a redenção não é uma mera fuga da nossa cena de sofrimento e morte. Significa antes a transformação deste mundo material, corporal, com toda a sua história de pecado e sofrimento. A primeira Páscoa começou o trabalho de finalmente levar o nosso universo ao seu destino final. Deus não se desfez do cadáver terreno de Jesus, mas misteriosamente o ressuscitou e transfigurou, de modo a revelar o que o ser humano e o seu mundo têm pela frente. Em suma, o túmulo vazio é o sinal surpreendente de Deus de que a redenção não é uma fuga para um mundo melhor, mas uma transformação espantosa deste mundo.

A ressurreição do crucificado

O Credo dos Apóstolos e o Credo Niceno resumem o cenário essencial do Cristianismo. É certo que

n essas proclamações de fé confessamos simplesmente que o Jesus crucificado ressuscitou dos mortos sem dizer expressamente nada sobre as Suas aparições pós-pascuais aos discípulos ou sobre a descoberta do Seu túmulo vazio. Mas foi através dessas aparições e dessa descoberta que os primeiros cristãos vieram a saber da Sua ressurreição. Vamos celebrar novamente a Páscoa este ano, porque há dois mil anos não encontraram o cadáver de Jesus e os Seus discípulos encontraram-n’O radiantemente vivo.

Os primeiros cristãos sabiam que se estivessem errados acerca da ressurreição de Jesus de entre os mortos, seriam os mais “miseráveis” de todas as pessoas (*1 Coríntios 15,19*). Mas eles não estavam errados. Na Eucaristia podemos continuar a anunciar a ressurreição de Jesus crucificado até que, por fim, Ele venha de novo em glória. ✦

* O Padre Jesuíta Gerald O’Collins é australiano. Foi professor de teologia na Universidade Gregoriana em Roma durante 33 anos e leccionou em muitos países do mundo. Foi autor ou co-autor de 75 livros, alguns dos quais sobre a ressurreição de Jesus.

Vai um cafezinho?

O café é o ouro vermelho, verde ou negro da Etiópia, a fonte primeira de entradas de divisa estrangeira no país. Os etíopes dizem que foram eles a descobrir esta bebida estimulante.

Padre José Vieira
Missionário Comboniano
Qillenso, Etiópia



Foto: DR

Estamos no fim da época da apanha do café nas terras de Qillenso, Etiópia. A altura e a temperatura mais baixa fazem com que as suas bagas amadureçam mais tarde que noutras partes da Etiópia.

A apanha é trabalho árduo, lento, paciente! As bagas encarnadas são apanhadas à mão. Como era a apanha da azeitona em Cinfaes, a minha terra. Não há máquinas.

As flores, a promessa da nova colheita, já se adivinham nos gomos brancos que se formam junto às folhas do cafeeiro.

O café é o ouro vermelho, verde ou negro da Etiópia, a fonte primeira de entradas de divisa estrangeira no país.

A cor? Depende! Se consideramos a casca externa – encarnada; a cor da semente seca – verde-clara; ou o café pronto a servir.

A cultura do café foi introduzida nesta parte da Etiópia há cerca de duas décadas. Dá muito trabalho: o cafezal tem de ser mantido limpo, o café á apanhado à mão, tem de

ser seco ao sol... Mas também dá algum dinheiro apesar de os intermediários pagarem menos de um euro por quilo ao produtor. Os ganhos maiores ficam nas cadeias de comercialização.

É o dinheiro do café que, em parte, tem melhorado a vida das pessoas desta área nos últimos vinte anos: têm casas melhores, alimentam-se e vestem-se melhor. Estão mais saudáveis. E podem mandar as filhas e filhos para o ensino secundário e superior, fora da área.

Também temos um cafezal na missão. Dividido em três pequenos talhões. Não é grande, mas dá trabalho que chegue. É um modo de melhorarmos o orçamento da comunidade. E de beber café cem por cento biológico garantido!

O gosto do café cultivado, seco, torrado, moído e feito – fresco – é muito diferente do produto comercializado onde me lê. Aqui não há misturas de lotes: é lote único.

Enquanto vou apanhando as bagas de café, com as mãos ásperas e

sujas, os braços doridos pelo esforço de chegar aos frutos mais distantes dos ramos sem os quebrar, ouvindo a sinfonia extraordinária que forma o canto das aves neste paraíso verde ainda com alguma floresta intacta, dou comigo a cismar: quem imaginou que estas bagas encarnadas e carnudas, tipo cereja miúda, depois de secas e descascadas, torradas, moídas e fervidas, seriam a bebida estimulante apreciada por todo o mundo?

Coisa de Deus!

Os etíopes dizem que a descoberta é sua! Café, em amárico – a língua que é considerada nacional – diz-se *buna*. Mas a palavra internacional para o produto – café (*coffee*, em Inglês) – encontra supostamente a raiz em *Kaffa*, a região da Etiópia onde o café crescia selvagem.

Contam que um guardador de cabras se deu conta de que os animais ficavam muito mais activos e barulhentos depois de ruminarem

“É o dinheiro do café que, em parte, tem melhorado a vida das pessoas desta área nos últimos vinte anos: têm casas melhores, alimentam-se e vestem-se melhor.”

as bagas vermelhas de um arbusto na floresta. Foi provar e sentiu-se ligeiramente diferente, mais leve!

Então apanhou algumas bagas, meteu-as na sacola e foi consultar um monge do mosteiro vizinho. Aqueles frutos encarnados seriam coisa de Deus ou do Diabo?

O monge ouviu a história das cabras hiperativas, examinou as bagas que o pastor lhe apresentou e atirou-as para a fogueira que aquecia a noite fria das terras altas etíopes.

Definitivamente aquelas sementes eram coisa do diabo. Mas, eis que um perfume agradável se desprende das bagas em contacto com o braseiro.

Curioso, o monge decidiu tirar da fogueira as sementes tostadas com a ajuda de um chamiço. Colocou-as numa taça com água quente. A água escureceu.

O religioso provou a bebida: era amarga, mas gostosa. Para surpresa sua, nessa noite manteve-se desperto na vigília: rezou até à alba sem qualquer ataque de sono.



Foto: DR

Afinal aquelas bagas eram coisa de Deus! E assim foi descoberto o café – cujo nome recorda que vem de *Kaffa*, na Etiópia. Mas foram os árabes que comercializaram a bebida estimulante. Hoje, o Brasil é o maior produtor mundial de café.

Liturgia do café

Aqui, até as cascas secas do café são aproveitadas para fazer uma infusão, uma espécie de chá de café, o *cafezinho dos pobres*.

O café, esse é fervido e temperado de muitas maneiras: com açúcar, cravinho, canela, leite, manteiga, sal...

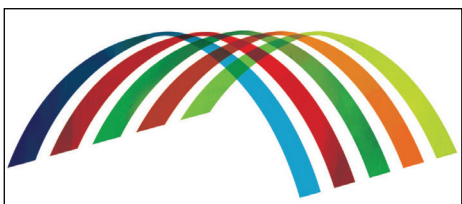
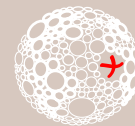
Na Etiópia, a cerimónia do café é uma liturgia longa. Começa com a preparação do lugar – espalhando erva verde no chão – e o acender do fogareiro a carvão.

Depois as sementes esverdeadas são apresentadas aos convidados, torradas à sua frente, moídas no pilão e fervidas num púcaro de barro próprio, *jabená*. O café é servido em *zi'ina*, uma chávena pequena sem asa. Manda a etiqueta que se bebam três xícaras. Depois de cada servir, a fazedora do café – que se mantém num silêncio concentrado, religioso – vai juntando água à *jabená* para diluir a bebida.

Vai um cafezinho? ✦



Foto: DR



Congresso Missionário sobre a fraternidade

Nos dias 14-15 de Outubro haverá um Congresso Missionário em Lisboa, com o lema Fraternidade sem fronteiras. É patrocinado pela Conferência Episcopal Portuguesa (CEP), pelos Institutos Religiosos (CIRP), pelos Institutos Missionários *Ad Gentes* (IMAG) e pelas Obras Missionárias Pontifícias (OMP) e decorrerá no auditório Cardeal Medeiros da Universidade Católica. Dois dos oradores serão o Cardeal Miguel Ángel Ayuso Guixot, Presidente do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-Religioso, e o Cardeal José Tolentino Calaça de Mendonça, Arquivista do Arquivo Apostólico do Vaticano e Bibliotecário da Biblioteca Apostólica Vaticana. Dentro em breve sairá o programa definitivo do evento, para o qual todos ficam desde já convidados.



Foto: João Fernandes

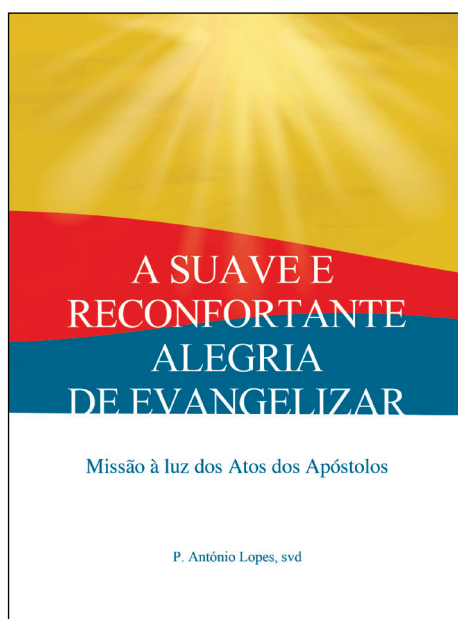
Peregrinação da Infância Missionária e suas famílias

Depois de cinco anos de caminhada, este ano vamos realizar o primeiro encontro nacional da Infância Missionária. Será no dia 10 de Junho, dia da Peregrinação Nacional das Crianças a Fátima. Antes da grande celebração eucarística no recinto do Santuário, a IM estará presente na récita do Terço Missionário na Capelinha das Aparições. O almoço e a nossa celebração de tarde terá

lugar na casa dos Missionários da Consolata, mesmo junto ao Santuário. Pedimos aos pais que reservem já esse dia na sua agenda, para estarem connosco e podermos animar-nos mutuamente!

Missionários portugueses no mundo

Começámos a recolher os nomes e as direcções dos missionários portugueses espalhados pelo mundo. Já temos uma lista provisória. Esperamos completá-la com a ajuda dos institutos religiosos e missionários e das organizações que promovem o voluntariado. Muito obrigado a quem já respondeu ao inquérito!



Livro sobre os Actos dos Apóstolos

As Obras Missionárias Pontifícias publicaram um livro do Padre António Lopes, intitulado *A suave e reconfortante alegria de evangelizar. Missão à luz dos Actos dos Apóstolos*, que é “um percurso catequético comunitário ou familiar, através de doze encontros com os textos escolhidos dos Actos dos Apóstolos, num exercício de escuta, acolhimento da Palavra de Deus e de uma resposta generosa, aberta e dinâmica a essa mesma Palavra.” O livro tem 105 páginas e custa 3 euros, mais as despesas de envio. Pode ser pedido aqui para a sede das OMP.

Vamos apoiar crianças em Moçambique!

A campanha do Dia Mundial da Infância Missionária este ano rendeu 17.904,00 euros, através dos Mealheiros Missionários. Se como fruto da renúncia quaresmal nos chegar um pouco mais dinheiro, gostaríamos de financiar dois projectos de alimentação de crianças desfavorecidas, em Moçambique, que nos foram propostos pela direcção da Obra da Santa Infância em Roma. São eles: um orfanato na cidade da Beira, que acolhe 45 crianças (sob a responsabilidade do missionário Somasco, Padre Carlos Moratilla de Vargas); o outro projecto é na Paróquia de Santa Clara de Assis, Diocese do Xai-Xai, que apoia 140 crianças (sob a responsabilidade do Padre Celso Admiro da Conceição F. Chaisse). Pede-se-nos que contribuamos com cerca de 17 mil euros para os dois projectos. Muito obrigado pela vossa generosidade! ✨

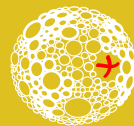
Como enviar donativos?

O nosso número de conta, NIB e IBAN, para a transferência de fundos é o seguinte:

Obra da Propagação da Fé
Banco Millennium-BCP
Nº Conta: 23521434
NIB: 0033 0000 0002 3521 434 05
IBAN: PT 50 0033 0000 0002 3521 434 05

Agradecemos que os doadores nos contactem para nos darem o seu NIF e direcção, de modo a que possamos mandar-lhes o recibo para efeitos de IRS.

Muito obrigado a todos os que nos enviam os seus donativos, para estas obras. Todos os dias, às 5 horas da tarde, na Basílica de S. Pedro, em Roma, é rezada uma Eucaristia pelas intenções dos colaboradores das Obras Missionárias Pontifícias.



“Jura que Jesus ressuscitou!”

Já alguma vez tivestes de jurar que Jesus Cristo ressuscitou? Eu tive. Um dia, ao regressar das minhas férias na Itália, no voo entre Roma e o Cairo, sentei-me perto de uma menina que viajava não-acompanhada. Havia um lugar vazio entre nós. O comissário de bordo conduziu-a ao assento, e certificou-se de que o seu bilhete e passaporte continuavam no saco de plástico que trazia pendurado ao pescoço.

Quando chegou o jantar, comemos em silêncio. Era evidente que ela queria falar e eu tomei a iniciativa.

– “Porque é que viajas sozinha? És muito corajosa. Quantos anos tens?”

– “Adivinha”, desafiou-me.

– Arrisquei: “nove”.

– “Não, oito.”

– “Como te chamas?”

– “Adivinha!”

– “Como posso eu?”

– Ela encorajou-me: “Eu ajudo-te: o meu nome significa felicidade.”

– Tentei a minha chance: “Saadia.”

– “Não, Farah.” Depois perguntou: “O que fazes?”

– “Sou padre.”

– “O que é que um padre faz?”

“Agora começa o bonito”, disse eu para mim mesmo. “Como explicar a uma menina de oito anos o sacerdócio ministerial?” Com todo o meu conhecimento e experiência, tentei o melhor que podia e sabia. Depois ela desapareceu: “Qual é o teu nome?”

– “Adivinha!”

– “Ajuda-me!”

– “O meu nome começa por France, Fran...”

– “Francesco”, gritou entusiasmada.

– “És brilhante!”

– “Diz-me quem foi Francesco (Francisco)?”

Cá vamos nós de novo... Comecei a contar-lhe a história do Lobo de Gubbio (*Nota do editor*: é a história de um lobo feroz que, segundo os *Fioretti* de São

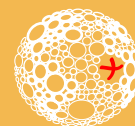


Francisco, aterrorizou a cidade de Gubbio: tinha devorado muitos animais, e mesmo algumas crianças até aparecer São Francisco de Assis que falou com ele e depois convenceu a população a alimentá-lo para ele sobreviver). Procurei falar com ela em voz baixa. O avião estava em silêncio, apenas com as luzes de presença acesas. Quando acabei a história, por cima do assento da frente apareceu a cabeça de um menino, talvez de uns seis anos de idade. Disse-me: “Conta-nos a história de Jesus!”

As coisas estão a ficar mais sérias, pensei. Perguntei-lhe: “O que sabes sobre Jesus?” Ele começou a falar de Caim e Abel, de Noé e de todos os seus animais, macho e fêmea de cada espécie. O avião estava em perfeito silêncio. A menina e eu ouvimo-lo, mas não da mesma forma, certamente. Depois de Noé, tentei pegar no fio da meada, e narrei o milagre da ressurreição da filha da viúva de Nain realizado por Jesus. Então perguntei às duas crianças: “Como é que Je-

sus terminou?” Eles olharam-me fixamente. “Sim, como é que Ele morreu?” O rapaz disse de choque: “Na cruz, pregado na cruz.” A rapariga olhou para ele inquisitiva. Eu confirmei: “Sim, é verdade”, e expliquei um pouco mais. Depois, perguntei: “O que aconteceu depois? Enterraram-no?” O menino respondeu: “Sim.” Perguntei: “O que sucedeu a seguir?” Eles olharam para mim inquisitivamente. Eu expliquei: “Passados três dias, o túmulo abriu-se, Jesus saiu vivo de lá e já não morre.” A menina rosnou: “Nãooo!” Sublinhei: “Sim, sim, é verdade”, e ela insistiu: “Jura que é verdade!” Quase que saltei no assento. “Juro!” E ela, pressionando o seu pequeno dedo indicador contra o meu nariz, advertiu: “Olha que aqueles que juram falso acabam mal!” “Não, não há dúvida! Isto é realmente verdade. Talvez, seja a única coisa real no mundo!” ✦

P.º Francesco de Bertolis, Missionário Comboniano. O P.º De Bertolis trabalhou no Sudão e no Egito durante muitos anos.



FICHA TÉCNICA

DIRECTOR
P. José António Mendes Rebelo

MISSÃOZINHA OMP
Anna Kudelska

PROPRIEDADE E EDIÇÃO
Direcção Nacional de Propagação da Fé

SEDE, REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO
Rua Ilha do Príncipe, 19
1170-182 LISBOA
Tlf: (+351) 21 814 84 28
Email: missao.omp@netcabo.pt
NIPC: 501132619
Homepage: www.opf.pt

ESTATUTO EDITORIAL
<https://www.opf/missao-omp>

Depósito Legal N° 192499/03
NIPC 501 132 619 - I.S.S.N. - 1647 - 9203
Registo na ERC n° 104247

TIRAGEM: PDF para web

FOTOGRAFIA:
João Fernandes; Arquivo



Com a ajuda de todos, no último ano conseguimos apoiar:

2 870
Projectos de educação
e protecção de crianças

87 474
Seminaristas e religiosos
em formação

751
Construção de
novas igrejas